

Eurípides

Íon

Personagens

Hermes

Íon

Coro de servas de Creúsa

Creúsa

Xuto

Velho

Servo de Creúsa

Pítia

Atena

Prólogo

(A ação decorre em Delfos e começa ao despontar da madrugada. Ao fundo, o templo de Apolo. Entra Hermes.)

Hermes

Atlas cujos ombros de bronze gastam a abóbada do céu, morada antiga dos deuses, de uma deusa gerou Maia, que, graças ao altíssimo Zeus, me concebeu, a mim, Hermes, servidor dos deuses. E eu chego a esta terra de Delfos, onde Febo, que tem a sua sede profética no centro do mundo, profere oráculos aos mortais, revelando sem cessar o presente e o futuro. Ora, não é obscura a cidade helênica, denominada de Palas, a deusa da Lança de Ouro, onde Febo violentou Creúsa, filha de Erecteu, sob a colina de Palas na terra ateniense, em que há rochas voltadas a norte, que os senhores do solo ático chamam Penhas Longas. Sem o conhecimento do pai – porque o deus assim o quis –, nas suas entranhas trouxe o fruto. Mas, quando chegou o tempo, Creúsa, dando à luz o filho no palácio, levou o recém-nascido para a mesma gruta onde tinha tido intimidade com o deus, e expô-lo, como se fosse para morrer, no espaço arredondado de um cesto côncavo, recordando o uso dos antepassados e de Erectônio, nascido da terra. Ao lado deste, a filha de Zeus pôs outrora como guardas duas serpentes e deu-o às virgens Aglaurides para olharem por ele; daí vem o costume de os Erectidas enfeitarem os filhos como serpentes de ouro. Foi assim que a donzela, tendo posto na criança os adornos que possuía, a abandonou como se fosse para morrer. Então Febo, falando de irmão para irmão, pede-me o seguinte: “Vai, tu, que és filho do mesmo pai, à população autóctone da ilustre Atenas – pois conheces a cidade da deusa –, e deixa-a no limiar da minha morada. O resto – é bom que saibas que é minha essa criança – ficará ao meu cuidado.” E eu, fazendo o favor a Lóxias, meu irmão, ergui o cesto entrançando, trouxe-o e depus o menino ao fundo dos degraus deste templo, destampando o cesto recurvo, para que a criança se visse. Ora aconteceu que, ao mesmo tempo que rompia o disco do sol, em sua cavalgada, no santuário divino entrava a profetisa; e, dirigindo o olhar para a criancinha, admirou-se que alguma donzela délfica pudesse ter ousadia de lançar um fruto de dores secretas na casa do deus, e a sua vontade era bani-la do templo; mas pôde mais nela a compaixão do que a dureza – o deus ajudou para que a criança não fosse expulsa de sua morada – e, levando-a consigo, criou-a, sem saber que Febo a gerara nem conhecer a mãe que a dera à luz. O menino tão

pouco soube quem eram os pais. Muito novo, andava brincando em redor dos altares que o nutriram; mas, quando se fez homem, os Dêlfios puseram-no como guardião dos tesouros do deus e fiel intendente de todos os seus bens, e no templo levou sempre até hoje uma vida virtuosa. Ora, Creúsa, a mãe do jovem, torna-se esposa de Xuto, nas seguintes circunstâncias: elevou-se entre os Atenenses e os Calcodôntidas, senhores da terra de Eubeia, uma onda de guerra; e Xuto, aliando-se a Atenas, que ajudou a vencer com a sua lança, recebeu a honra de desposar Creúsa, embora fosse estrangeiro, Aqueu de origem, nascido de Éolo, filho de Zeus. Mas estéril é a sua longa união, e ambos, por este desejo de filhos, vêm ao oráculo pítico. Assim Lóxias dirige os seus destinos, nada descurando, apesar das aparências. E será o seu próprio filho que ele dará a Xuto, quando este entrar no recinto profético, dizendo-lhe que nasceu dele, para que, chegando a casa da mãe, aquele seja reconhecido por Creúsa, a união de Lóxias fique secreta e o jovem possa fruir os seus direitos. E o nome será Íon, colonizador da terra asiática, famoso por toda a Hélade. Agora entro neste bosque de loureiros para ver o que vai acontecer ao rapaz. É que vejo sair neste momento o filho de Lóxias para limpar a estrada do templo com ramos de louro. E o nome de Íon, que lhe caberá em sorte, sou eu o primeiro dos deuses a dar-lho.

(Íon, chegando, acompanhado por Dêlfios.)

Eis a esplêndida quadriga!
Hélios ilumina já a terra,
e, ante o brilho do éter, os astros fogem
para a noite sagrada.
Do Parnaso os ínvios cumes,
iluminados do alto, o disco do dia
para os mortais acolhem.
E, da mirra seca, o fumo para os telhados
de Febo voa.
Senta-se na trípode sacrossanta
a mulher délfica, cantando aos Helenos oráculos,
que brotam dos lábios de Apolo.
Mas, ó Dêlfios, servidores de Febo,
para os argênteos redemoinhos de Castália
ide, e de um puro orvalho
banhados, avançai para o templo.
E velai por que a vossa boca

seja vigiada pelo silêncio,
apenas dirigindo palavras de bom augúrio
aos que esperam do oráculo
uma voz favorável.

E eu, que sempre desde criança a estes trabalhos
me dedico, com rebentos de louro
a entrada de Febo vou limpar,
embelezando-a com sacros festões,
e também com gotas de água corrente
o solo vou umedecer. E os bandos de aves,
que prejudicam as santas oferendas,
com o meu arco porei em fuga,
porque, sem conhecer nem pai nem mãe,
sirvo de Febo
o almo templo.

Estrofe

Vamos, meu servidor,
fresco rebento do mais belo loureiro,
tu, que o altar de Febo
varres junto ao templo,
de imperecíveis jardins nasceste,
onde os orvalhos sagrados,
que fazem brotar a corrente perene
das fontes, molham
a cabeleira sagrada do mirto.
Contigo varro o solo do deus,
cumprindo diariamente
o tempo todo que dura
o vôo rápido do sol.

Ó Péan, ó Péan,
bendito, bendito sejas,
ó filho de Latona!

Antiestrofe

Esta nobre tarefa, ó Febo,
Executo-o para ti, diante da tua morada,
Honrando o assento profético.

Glorioso é o trabalho
de prestar serviço aos deuses,
de servir, não aos mortais, mas aos imortais.
E não me canso
destas piedosas lidas:
Febo é para mim o pai que me gerou.
Bendigo, pois, o deus que me alimenta
e é o meu benfeitor
que dou o nome de pai:
é Febo, o Febo deste templo.

Ó Péan, ó Péan,
bendito, bendito sejas,
ó filho de Latona!

Epodo

Mas vou cessar esta tarefa
De arrastar ramos de louro
E destes vasos de ouro vou espalhar
A água saída da terra,
Que os redemoinhos de Castália
Fazem brotar.
A água lustral vou derramar,
porque sou casto.
Oxalá eu nunca deixe
de servir assim a Febo,
ou, se deixar, que seja por um feliz destino.
Eh! Eh!
Eis que chegam as aves
que abandonam os ninhos do Parnaso.
Ordeno-vos que não vos aproximeis das cornijas
nem dos telhados incrustados de ouro.
Varar-te-ei com o meu arco, ó arauto de Zeus,
tu que dominas as aves
com o teu bico acerado.
Estoutro rema em direção aos altares,
um cisne. Não quererás mover para outro lado
as tuas patas encarnadas?
Nem a lira de Febo, tua companheira,

do meu arco te poderá salvar.
Move noutro sentido as tuas asas,
no lago Délio pousa.
Vais ensangüentar, se não obedeceres,
os teus cantos harmoniosos.
Eh! Eh!
Qual é este novo pássaro que chega?
Acaso, sob as cornijas, um ninho
de palhas quer fazer para seus filhos?
Vibrará a corda do meu arco para te afastar.
Não obedeces? Retira-te para as águas redemoinhantes
do Alfeu e aí gera filhos,
ou para o vale arborizado do Istmo,
não manches as oferendas
e o templo de Febo...
De vos matar contudo tenho escrúpulo,
a vós anunciais os oráculos dos deuses
aos mortais. Mas tenho de trabalhar
para Febo: não deixarei
de servir quem me alimenta.

Párodos

(O Coro, formado pelas servas de Creúsa, entra na orquestra. Os seus elementos cantam, alternadamente, até ao encontro de Íon.)

Coro

Estrofe 1.^a

- Não só na divina Atenas
existem moradas dos deuses,
ornadas de belas colunas,
e o culto de Apolo Agieiu;
também junto de Lóxias, o filho de Latona,
se encontra o esplendor e a graça
da dupla face dum templo.
Vê, observa!
A hidra de Lerna é abatida
Pelas cimitarras de ouro do filho de Zeus.
Olha, amiga.

Antiestrofe 1.^a

- Vejo. E, perto dele, outro herói
eleva uma tocha incandescente.
Não é aquele que enche as nossas conversas,
durante os trabalhos do tear,
Iolau, armado de escudo,
Que os mesmos sofrimentos
com o filho de Zeus suporta?
- Oh! Observa este,
montado no seu cavalo alado,
a abater o monstro enorme de três corpos,
cuja respiração é de fogo.

Estrofe 2.^a

- Por toda a parte vagueia o meu olhar!
Atenta no combate dos Gigantes
Sobre as paredes de mármore.
- Que espetáculo, amigas!
- Vê-la a brandir o seu escudo,
com a cabeça de Górgona, contra Encélado?
- Vejo Palas, minha deusa.
- E o raio forte de pontas flamejantes,
que lança ao longe
o braço de Zeus?
- Vejo. O feroz
Mimas a cinzas reduz.
- E Brómio, o Bacante,
Com seu tirso de hera não belicoso,
Abate outro filho da Terra.

Coro

A ti, junto deste templo, me dirijo:
É permitido transpor o limiar deste santuário,
Nem que seja com os pés descalços...?

Íon

Não é permitido, estrangeiras.

Antiestrofe 2.^a

Coro

Não poderias tu prestar-me uma informação?

Íon

Que desejas?

Coro

É verdade que é no templo de Febo
que se encontra o umbigo da terra?

Íon

Sim, e de coroas revestido, rodeado de Górgonas.

Coro

Tal é o que se diz.

Íon

Se oferecetes diante do templo o bolo consagrado e desejas
consultar Febo, aproximai-vos dos altares; mas não penetreis no interior
do santuário sem ter imolado ovelhas.

Coro

Ficamos a saber.
Não transgrediremos a lei do deus.
O exterior saciará os nossos olhos.

Íon

Contemplai à vontade tudo o que vos é permitido.

Coro

Os meus amos deixaram que eu viesse
admirar o santuário do deus.

Íon

De que casa vos dizei servas?

Coro

Juntamente com Palas habita a minha Senhora

no palácio dos meus soberanos.
Mas aqui vem aquela por quem perguntas.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

